

## Diversidade Cultural: “Relatos do Brasil e Argentina”

Célia Regina Rossi  
Ana Gouvêa Bochini  
Carla Ariela Rios Vilaronga  
Luciana Leandro da Silva

### Resumo

Este artigo relata duas experiências de projetos realizados em escolas de ensino fundamental, cuja temática foi o trabalho com a diversidade cultural, a valorização de outras culturas e reflexões sobre a própria cultura. O trabalho foi realizado em duas escolas: uma no estado de São Paulo, na cidade de Rio Claro, onde a temática trabalhada foi o Hip-Hop e as manifestações culturais locais brasileiras; a segunda, na capital de uma província Argentina, na cidade de Paraná, onde se trabalhou o contato e a relação entre as manifestações culturais do Brasil e da Argentina. O objetivo central desse trabalho foi pensar caminhos que pudessem levar à construção de uma escola que considerasse as diferenças e a aprendizagem que acontece quando estas (as diferenças) estão em relação.

**Palavras Chave:** Diversidade Cultural, Preconceito, Alteridade, Aprendizagem e experiência corporal.

### Abstract

This article tells two experiences of projects carried through in schools of basic education whose thematic it was the work with the cultural diversity, the valuation of other cultures and reflections on the proper culture. The work was carried through in two schools: one in the state of São Paulo, the city of Rio Claro where as the thematic one worked was the Hip-Hop and cultural manifestations local Brazilians the second in the capital of a Argentina province, in the city of Paraná where it worked the contact and the relation enter the cultural manifestations of Brazil and Argentina. The central objective of this work was to think ways that could lead to the construction of a school that it considered the differences and the learning that happens when these (the differences) they are in relation.

**Key Words:** Cultural diversity, Preconception, Alteridade, Learning and corporal experience.

### Introdução

A Diversidade, nesse texto que se apresenta, será considerada importante não só para o convívio social da comunidade, mas também para o contexto escolar e seus diferentes espaços, entre eles a sala de aula.

Conceitos tais como multiculturalismo, pluralidade, diversidade, identidade, diferença, têm possibilitado à escola a inclusão de novos saberes, discursos e valores, onde grupos que

diferem entre si possam se relacionar dentro de uma perspectiva política, enriquecendo assim a história de cada um.

A possibilidade de se promover o respeito pela alteridade nas relações dos alunos entre si e de envolver os outros sujeitos participantes da escola (professores, funcionários, comunidade, etc.) pode ser a oportunidade de reconhecer que a mesma possui elementos próprios, mas está imersa numa instância maior, a comunidade, que também se caracteriza pela diversidade. Segundo Demartini (2003), durante toda a história da educação se privilegiou um saber em detrimento do outro. Esta opinião é partilhada por Valente (2003), que afirma que a escola demonstrou, e ainda demonstra, um caráter homogeneizante marcado por imposições e certezas.

Segundo Iturra (apud GUSMÃO, 2003, p.95), “nossas escolas não estão organizadas para a diversidade cultural”. Ao dizer isso, podemos entender que a escola trata os sujeitos como uma página em branco, desconsiderando tudo o que lhe é próprio, que conta de si, suas experiências e histórias de vida. Daí o caráter homogeneizante da escola.

O sujeito está inserido neste ambiente homogeneizante, onde o seu saber incorporado é negado e submetido a um julgamento que tenta imprimir-lhe um conjunto de saberes acumulados historicamente, legitimados pelo currículo, fragmentados e que, isolados do contexto do sujeito, permanecem, muitas vezes, sem significado.

Nesse sentido, pensamos caminhos que pudessem levar-nos à construção de uma escola que considerasse as diferenças e a aprendizagem que acontece quando os diferentes se relacionam. Foi essa a nossa intenção ao trabalharmos tanto com a temática do Hip Hop, quanto com as manifestações culturais locais.

Não propomos, neste ensaio, estabelecer um modelo de escola ideal que traga procedimentos corretos a serem seguidos, porque estaríamos propondo outra prática homogeneizante. O que propomos é a discussão inserida nas tão diferentes, e ao mesmo tempo tão semelhantes, realidades escolares. Pois, como afirma Valente (2003, p.26), “é necessário aguçar a percepção dos educadores para o que vem ocorrendo fora da escola”, para que

os atores envolvidos no processo educativo possam compreender a dinâmica da escola como parte de um todo, que é a sociedade.

Assim, este projeto, mesmo sendo episódico e não constante nas escolas, trabalhou a temática *Pluralidade Cultural*, que diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no mesmo ou em distintos territórios, procurando então promover um debate em todo âmbito escolar ao redor do tema.

O debate sobre racismo e discriminação no Brasil, na Argentina e em diversos países, felizmente vem ganhando cada vez mais espaço, e a participação dos professores, sem dúvida, reveste-se de fundamental importância nesse processo de identificação, problematização e combate aos comportamentos racistas, preconceituosos e intolerantes que, freqüentemente, manifestam-se na sala de aula e acompanham o indivíduo de sua infância até a vida adulta.

A intolerância<sup>1</sup> no convívio com a diversidade pode traduzir-se pela rejeição ou exclusão de pessoas em função de sua crença religiosa, opção sexual ou mesmo por seu tipo de vestimenta ou corte de cabelo. O contato dos alunos no cotidiano escolar, com situações e conhecimentos sobre diferentes culturas, pode gerar um debate produtivo, além de poder diminuir o preconceito<sup>2</sup> e a discriminação desses alunos em relação aos estereótipos<sup>3</sup> discriminatórios gerados pela sociedade.

Baseado neste aporte teórico, contaremos neste artigo a experiência de dois projetos realizados em duas diferentes escolas de Ensino Básico<sup>4</sup>, durante o ano de 2005. Estas experiências, junto às suas reflexões, não abrangem uma discussão da condição histórica e cultural das duas instituições, o que não impede a

<sup>1</sup> Falta de respeito em relação às práticas e crenças alheias, que, por serem diferentes das nossas, são tidas como “erradas” e sem direito de existir.

<sup>2</sup> Idéia que fazemos de uma pessoa, grupo de indivíduos ou povo, que ainda não conhecemos.

<sup>3</sup> Preconceitos já bastante cristalizados que consistem em perceber, de maneira simplista e reduzida, os grupos humanos, atribuindo-lhe traços de personalidade e de comportamento.

<sup>4</sup> O que no Brasil é conhecido como Ensino Fundamental, na Argentina recebe o nome de Educación General Básica – EGB.

EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – V.14, nº 26, jan.-jun.-2006, p.179-192.

discussão ao redor da realidade escolar no que se refere a Diversidade Cultural, no momento em que foram realizados e em cada escola, no Brasil e na Argentina.

A primeira experiência foi realizada durante o primeiro semestre do ano de 2005, em uma escola pública de ensino fundamental, situada na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, pelas alunas Ana Gouvêa e Carla Rios, em estágio obrigatório de uma das matérias do curso de pedagogia, sob a orientação da professora doutora Kátia Maria Kasper.

A segunda experiência nasceu a partir de um intercâmbio<sup>5</sup> realizado na Argentina pelas alunas Carla Rios e Luciana da Silva<sup>6</sup>, no segundo semestre de 2005, realizada em um “Departamento de Aplicación” de uma escola rural normal, localizada no distrito de Oro Verde, na cidade de Paraná, Capital do Estado de Entre Rios, sob a orientação da Profª Drª Célia Regina Rossi.

Os dois projetos tiveram como eixo norteador a temática Pluralidade Cultural<sup>7</sup>, sendo priorizado o trabalho corporal, para quebra de preconceito sobre manifestações culturais desconhecidas. Em conciliação com a experimentação do próprio corpo, trabalhamos conceitos teóricos e informativos e possibilitamos aos alunos momentos de reflexão, realizados em grupo, a partir de trocas orais e, de forma individual, a partir de registros escritos em forma de carta, redação, desenho, bilhete, poesia.

<sup>5</sup> Intercambio Escala do Asociación de Universidades Grupo Montevideo- AUGM, realizado através acordo entre várias Universidades da América Latina.

<sup>6</sup> Esse projeto também contou com a participação dos alunos: Evelyn Sigot Pavón, Federico Vimberg e Zulema Alegre, alunos do curso de Comunicación Social da Universidad Nacional de Entre Rios- UNER, localizada em Paraná- Entre Rios.

<sup>7</sup> Reafirmando que a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Definição conforme as conclusões da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982), da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Nossa Diversidade Criadora, 1995) e da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998).

Célia R. Rossi; Ana G. Bochini; Carla A. R. Vilaronga; Luciana L. da Silva. Diversidade...

### 1. Trabalhando a Diversidade Cultural através da Expressão Corporal e Escrita: um contato com algumas manifestações culturais de outras comunidades e o Hip-Hop

A escola de ensino fundamental escolhida ser desenvolvido este projeto, possui um trabalho de grande importância com os alunos do Ensino Fundamental I. A mesma vem abordando temas relacionados à diferença para a igualdade e à diversidade cultural, desenvolvendo projetos como, por exemplo, o contato dos alunos com países africanos, com o objetivo de “Reconhecer a importância da cultura Africana e sua influência na formação da cultura brasileira”<sup>8</sup>.

Nesse contexto, foram escolhidas como temáticas de trabalho, o Folclore <sup>9</sup> de diferentes regiões e o Hip Hop<sup>10</sup> e, para

<sup>8</sup> Título do Projeto realizado na escola.

<sup>9</sup> O sentido que demos a palavra Folclore no trabalho se relaciona com a definição ampliada da palavra: “uma concepção de mundo e de vida. Para compreendê-lo é preciso explicar o sentido humano do folclore através do homem que o produz e de sua condição de vida. Onde há folclore há cultura, onde há cultura há processos sociais de produção e distribuição de cultura, onde há processos sociais, há relação de controle e poder.” “Folclore, em mundos com colonizadores e colonizados eternos e internos, é a vida e a expressão da vida no colonizado” (BRANDÃO: 1982).

O uso dessa palavra Folclore para se referir às manifestações culturais locais se deu pela proximidade e pela familiaridade que essa tem em relação ao contexto dos alunos (por estar presente nos livros didáticos, nos livros de história, nas comemorações, etc). Nossa primeira preocupação foi com a busca do significado individual da palavra, sendo a partir daí iniciado nosso trabalho.

<sup>10</sup> A cultura Hip-hop originou-se entre os negros do sul dos EUA. Esta manifestação veio se fortalecendo na década de 50 do século passado, e em meados da década de 70 a “moçada black” iniciou uma revolução cultural que agitou as paradas nacionais e deu margem a novas explosões culturais para além das fronteiras norte-americanas (XAVIER: 2005).

No Brasil, especialmente em São Paulo, os jovens adotaram ou foram grandemente influenciados por este estilo de vida importada da cultura norte-americana. Aqui, o estilo negro norte-americano abriu espaços, virou moda e acabou se misturando com os estilos brasileiros: a capoeira, o samba, o misticeiro religioso do candomblé e umbanda, tudo parecia ter um vínculo que dava identidade à aculturação. (XAVIER: 2005)

Através do Hip-Hop, não apenas os negros e excluídos economicamente puderam enxergar novos horizontes e experiências estéticas inovadoras, mas toda cidade se depara com essa invasão e se amedronta. Esta manifestação cultural é vista por muitos com olhos preconceituosos que excluem qualquer discussão sobre sua estética. (XAVIER: 2005)

EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – V.14, nº 26, jan.-jun.-2006, p.179-192.

tal, foram utilizados o contato corporal e reflexões textuais com os alunos das quartas séries A e B.

O Hip-Hop - movimento cultural das grandes metrópoles e que tem também um grande espaço nas cidades do interior, como, por exemplo, em Rio Claro - e o Folclore - movimento cultural de várias regiões do país - possuem diferenças e semelhanças. As duas culturas nasceram da característica de um determinado grupo.

Algumas manifestações culturais aparecem na escola sob a forma “menor” de folclore, tendo até o mês de agosto para ser abordado. O Hip-Hop é muitas vezes discriminado pelas escolas, mesmo fazendo parte da vida dos alunos.

*Os temas Hip-Hop e “Folclore” refletem dois focos culturais de grande interesse dos alunos e de ampla abordagem dentro das aulas de Português, de Ciências, de História, de Geografia, de Educação Artística, de Educação Física e de Matemática. A transversalidade e a multidisciplinaridade propostas neste estágio encaixaram-se nas aulas de Português e de Educação Física.*

Os alunos tiveram um momento de valorização da expressão corporal e da dança em várias vivências, como o Cacuriá<sup>11</sup>. Pudemos observar que na interação com a música e a dança os alunos não fizeram escolhas de duplas e “grupinhos” na hora de dançar, principalmente ao dançar coreografias onde as duplas eram aleatórias.

Os alunos também mostraram boa organização espacial e conseguiram assimilar as coreografias e algumas letras cantadas.

Na aula seguinte trabalhamos com a temática Hip Hop. Como o conhecimento dos alunos era muito vago, esta aula teve como base um texto sobre o Hip Hop, em que no meio faltavam algumas palavras, que foram escritas de forma aleatória na lousa e discutidas em dupla pelos alunos, para que descobrissem o local certo de cada palavra no texto, havendo assim uma interação entre eles e o texto.

<sup>11</sup> Folclore de São Luis do Maranhão.

Célia R. Rossi; Ana G. Bochini; Carla A. R. Vilaronga; Luciana L. da Silva. Diversidade...

Na aula de educação física, aula seqüencial, convidamos três alunos da comunidade Hip- Hop de Rio Claro<sup>12</sup>, que possuem um contato intenso com a universidade e com a secretaria da Cultura do Município, para, a partir de sua vivência, discutirem o preconceito enfrentado por eles na comunidade, mostrarem um pouco do Break (dança), assim como darem explicações teóricas sobre o movimento- como surgiu, por quê, onde, etc.

A atividade que encerrou o projeto foi a confecção de redações individuais (a escrita foi trabalhada durante todo o projeto) sobre os temas trabalhados durante o estágio, e depois uma roda de discussão com os alunos. Observamos que nas duas salas os textos tiveram mais reflexões sobre o Hip-Hop. Quando se falou em manifestações culturais locais, os conteúdos trabalhados não diferenciaram muito dos escritos no primeiro texto.

Percebeu-se, então, que as aulas que trabalharam o movimento Hip-Hop foram muito mais significativas para eles.

Acreditamos também que, ao terem tido um contato com os convidados integrantes do movimento, as crianças prestaram mais atenção e se interessaram bastante. Muitas crianças mostraram uma mudança de postura em relação ao Hip-Hop, manifestando até que *“antes eu tinha preconceito, agora não tenho mais”*.

Ao conseguirmos provocar a mudança deste tipo de pensamento e sentimento em algumas crianças, alcançamos objetivos além de nossas expectativas. Outra razão para a satisfação com o trabalho foi o fato de vários alunos dizerem que a visão deles na sala de aula mudou, e que agora eles estão mais amigos.

As crianças perceberam que não estavam sendo cobradas em nada e nem estavam sendo avaliadas na forma usada pela escola tradicional, já que em momento algum *exigimos* as

<sup>12</sup> Tivemos alguns problemas com a escola durante essa atividade, por não termos avisado a direção da escola sobre a participação dos alunos-avisamos somente a coordenadora pedagógica da escola. A diretora ameaçou interromper nosso estágio, conseguimos a continuidade depois de feita uma declaração que nós nos responsabilizávamos por qualquer “dano” decorrente dessa visita. Em todos os momentos fomos apoiadas pelas professoras da escola que acompanhavam o projeto.

EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – V.14, nº 26, jan.-jun.-2006, p.179-192.

atividades a serem feitas, apenas estimulávamos através do contexto.

Dentro de nossas propostas elas estavam livres em realizá-las do modo que considerassem mais pertinente e eram autônomas para decidirem como e o que realizar. Isto fica claro nos textos da última aula de português, quando enfatizamos que eles poderiam escrever o que quisessem. De fato os textos foram originais e eles escreveram o que sentiram vontade.

O projeto finalizou com a apresentação do projeto e das escritas dos alunos para as professoras e para a coordenadora na escola no momento do HTPC. A aceitação e a curiosidade dos professores em relação ao trabalho foi diversa; alguns se interessaram e nos convidaram para continuar o trabalho na escola, enquanto outros ignoraram até mesmo a nossa presença naquele momento.

## 2. Diversidad Cultural: un contacto entre la cultura Brasileña y Argentina

O “Departamento de Aplicación” localiza-se em Oro Verde, a dez quilômetros da cidade de Paraná, na Província de Entre Ríos (República Argentina), e possui mais ou menos 2.524 habitantes, segundo o Censo de 2001.

Nosso propósito, ao apresentar o projeto “Diversidad Cultural: un contacto entre la cultura Brasileña y Argentina” a essa escola, foi conseguir uma aproximação entre diferentes culturas, considerando como pressupostos aquilo que afirmamos anteriormente: a escola, muitas vezes, não está aberta às práticas interculturais, prezando por um modelo homogeneizante, que desconsidera a diversidade cultural presente dentro e fora de seu espaço.

O projeto baseou-se na reflexão sobre as possibilidades de interação cultural, nesse caso entre a nossa cultura brasileira e a cultura dos estudantes argentinos, e na construção de diversas atividades, de acordo com a idade dos alunos, tais como jogos, danças e, músicas típicas, lendas, mitos e crenças constitutivas da identidade de cada país. Além de proporcionar elementos que os colocassem em contato com uma parte da cultura popular Célia R. Rossi; Ana G. Bochini; Carla A. R. Vilaronga; Luciana L. da Silva. Diversidade...

brasileira, tínhamos a intenção de que eles também valorizassem as manifestações culturais de seu próprio país, investigando e apresentando-nos, ao final das atividades, um pouco sobre as danças populares, mitos, lendas e costumes argentinos.

Dentro desse propósito, tínhamos o objetivo de destacar que ambas as culturas são diferentes, mas ao mesmo tempo possuem aspectos semelhantes e isso não impede que compartilhem e vivenciem aspectos de uma e de outra. Nesse sentido, afirma Gusmão (2000, p.386):

“Mais que fruto do contato entre coisas, as culturas resultam do diálogo do homem consigo mesmo e com o outro diferente de si, parte de uma mesma humanidade, nem sempre vista como tal, posto que são todas, a um só tempo uma e diversa, universal e singular”.

O projeto foi realizado com duas turmas de 6º ano e partiu da valorização do conhecimento prévio dos alunos acerca do tema. Para contextualizar os alunos, utilizamos de uma atividade lúdica com um mapa da América Latina, feito em cartolina, no qual os alunos eram convidados a fixarem os nomes de cada país e de seus respectivos colonizadores. Para isso contamos um pouco sobre o antes e depois do processo de colonização e da formação do povo brasileiro, através da mistura de três etnias: indígena, africana, européia. Trabalhamos, assim, algumas das principais características demarcadas pela constituição histórica, social e cultural entre Brasil e Argentina.

Na segunda parte da aula, um jogo folclórico brasileiro foi apresentado aos alunos: sentados em roda, todos receberam o pedaço de papel onde estava escrita a letra da canção que seria cantada durante o jogo (*"Corre Cutia na casa da tia, corre cipó, na casa da vó. Lencinho na mão caiu no chão, moca bonita do meu coração. É um, é dois, é três."*). A letra estava escrita em Português, para conseguir uma maior aproximação da cultura brasileira, sendo que o sentido de cada palavra foi explicado aos alunos.

Durante a brincadeira, as crianças comentaram a existência de um jogo parecido na Argentina, o que nos deixou surpresas, em seguida explicaram que o mesmo se chama "Ovo  
EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – V.14, nº 26, jan.-jun.-2006, p.179-192.

Podrido" e nos ensinaram a canção que acompanha o jogo. Esse momento foi muito interessante, já que encontramos, nós e eles, a primeira semelhança entre as culturas. Depois de termos conseguido empatia com os alunos, sentamo-nos em roda e começamos a trabalhar as lendas populares.

A vice-diretora da escola pediu para assistir a uma das atividades do nosso projeto, e achou muito estranho os alunos falarem tanto durante as atividades. Então foi pedir para a sala ficar quieta, pois não íamos conseguir dar aula com os alunos conversando. A presença da vice-diretora durante a aula com a segunda turma dificultou o nosso trabalho durante as atividades, pois sua presença inibia os alunos. A dificuldade foi sanada após a sua saída da sala e então iniciamos uma nova dinâmica de nossa parte com a classe.

Na segunda atividade com as salas, os alunos fizeram a relação da história do Saci (entregue na semana anterior) com um mito Argentino. Contamos para os alunos sobre algumas festas brasileiras, apresentamos algumas músicas, falamos das comidas típicas das festas e dançamos com alguns deles.

Na segunda parte da aula, apresentamos aos alunos o Cacuriá<sup>13</sup>, falamos das histórias contadas na música e os convidamos a dançar conosco. Os temas escolhidos na atividades foram relacionados com as características de cada turma (em uma delas havia um certo conflito e separação entre o grupo dos meninos e o das meninas, o que os fazia recusar, inicialmente, qualquer tipo de contato como dar as mãos e conversar). Houve tentativas de quebrar com essa inibição e o conflito de gênero, e preferimos trabalhar com dança em duplas, o que de certa forma, facilitou a integração.

A participação dos alunos foi constante em todo momento, o que se refletiu na atividade realizada por eles. Nesta última aula, os alunos nos mostraram alguns aspectos do folclore argentino da região, o que correspondia a demonstrações sobre a música, os

<sup>13</sup> Essa dança/expressão Folclórica é toda baseada em histórias que acontecem no meio rural- mesmo ambiente dos alunos dessa escola rural. Célia R. Rossi; Ana G. Bochini; Carla A. R. Vilaronga; Luciana L. da Silva. Diversidade...

bailes e as vestimentas. Cada sala do 6º ano apresentou de uma maneira, de acordo com sua especificidade, os objetos, as músicas e as danças que os alunos haviam trazido para mostrar ao grupo.

Essa dinâmica de aula foi idealizada e apresentada pelos estudantes da universidade argentina, participantes do projeto<sup>14</sup>, e nós brasileiras nos mantivemos durante todo o tempo como espectadoras. O grupo repartiu algumas fábulas argentinas e perguntou aos garotos quais eles conheciam.

Ao final do projeto, não pretendíamos aplicar nenhum método avaliativo tradicional para cobrar-lhes os conteúdos trabalhados, mas queríamos apenas um retorno deles sobre o que os marcou, quais as idéias que fixaram melhor e o quanto enriqueceram.

Em função de tal fato, foi acordado, juntamente com os alunos, uma produção escrita, por meio de carta, para os alunos das escolas brasileiras<sup>15</sup>, contando um pouco do que aprenderam com o projeto, assim como um pouco da cultura Argentina.

Para finalizar o trabalho que se realizou, entregamos para os alunos bandeiras da Argentina e do Brasil, com a frase de Hanna Arendt (LAFER: 1988), que definia a proposta ali construída: *"Não o homem, senão os homens habitam este planeta. A pluralidade de culturas é a lei da Terra"*.

### Considerações finais

Este trabalho com realidades tão distintas nos deu a oportunidade de vislumbrar maneiras de olhar tão diversificadas, no que tange às questões culturais, educacionais e históricas.

Nosso processo de formação como docentes, implicados com a pluralidade cultural e a diversidade, nos possibilitou vivenciar a experiência de levar para dentro da escola atividades

<sup>14</sup> Estudantes de Comunicación Social da UNER

<sup>15</sup> As cartas serão trabalhadas em um projeto que está sendo idealizado junto com uma família de argentinos que reside na cidade de Rio Claro e que ministra aulas de Espanhol em algumas escolas de ensino fundamental da cidade.

que valorizem a riqueza de nossas culturas, de nossas histórias, tão interligadas, da nossa educação erguida em paredes sólidas do tradicionalismo, retirando qualquer noção de hierarquia sobre elas e estabelecendo um trânsito de mão dupla entre práticas culturais diferentes. Na troca e no diálogo vislumbramos, a possibilidade da escola ser construída dentro de uma perspectiva da diversidade, do multiculturalismo, da identidade, da diferença, dando início às transformações necessárias para a verdadeira escola inclusiva, onde novos saberes, discursos e valores serão respeitados e enriquecidos.

A necessidade não apenas de reconhecer a cultura do outro, mas também de conhecê-la, de entrar em contato com ela, experienciá-la, pode auxiliar na revisão e quebra dos estereótipos e preconceitos quanto às diferenças do outro, fazendo-nos entrar numa relação não apenas de respeito, mas também de aproximação, de diálogo com aquele que é diferente.

Respeitar a cultura do outro é preciso, mas um contato com culturas diferentes da nossa é o que realmente nos faz mais humanos.

"Para compreender a cultura de um povo, de um grupo, é preciso conhecer a sociedade onde ele vive e está. É na vida em sociedade que as diferenças entre culturas constituem a imensa diversidade que nos torna parte da humanidade, encontram sentido e ganham expressão como realidade".(GUSMÃO, 2000, p.387).

Além disso, nossas experiências ressaltam a importância do papel do professor no trabalho com a temática Diversidade Cultural, na promoção da **alteridade**, da convivência harmoniosa e criativa entre diferentes culturas.

### Referências

ABREU, M. A. *Hannah Arendt e os limites do Novo*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, Brasília: MEC/SEF, 1997, vol. 10.

BRANDÃO, C. R. O que é Folclore? 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

DEMARTINI, Z. B. F. Culturas escolares: algumas questões para a história da educação. In: GUSMÃO, N. M. M. (org.) *Diversidade Cultural e Educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

GUSMÃO, N. M. M. de. *A noção de cultura e seus desafios*. ANAIS do I Congresso Brasileiro de Etnomatemática – CBm1/USP – São Paulo, 2000. pp. 386-388.

GUSMÃO, N. M. M. de. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, N. M. M. (org.) *Diversidade Cultural e Educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

LAFER, C. *A reconstrução dos direitos humanos - Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. SP, Cia das Letras, 1988.

VALENTE, A. L. Conhecimentos Antropológicos nos Parâmetros Curriculares: para uma discussão sobre a pluralidade cultural. In: GUSMÃO, Neusa M. M. (org.) *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

XAVIER, D. P. *Repensando a periferia no período popular da história : o uso do território pelo movimento hip hop*. 2005. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.2005.

Enviado em jun./2006  
Aprovado em set./2006

---

Célia Regina Rossi  
Profª. Drª. do Departamento de Educação da Unesp  
Campus de Rio Claro  
Rua 9 A, 145 – Vila Nova  
CEP: 13506-665 – Rio Claro/ SP  
E-mail: celia@claretianas.com.br

Ana Gouvêa Bochini  
Aluna de Licenciatura em Pedagogia da Unesp  
Campus de Rio Claro  
Av. 16 A, 1140 – Bela Vista  
CEP: 13506-720 – Rio Claro/ SP  
E-mail: anagouveab@gmail.com

Carla Ariela Rios Vilaronga  
Aluna de Licenciatura em Pedagogia da Unesp  
Campus de Rio Claro  
Av. 50 A, 465 – Vila Nova  
CEP: 13506-570 – Rio Claro/ SP  
E-mail: crios@rc.unesp.br

Luciana Leandro da Silva  
Aluna de Licenciatura em Pedagogia da Unicamp  
Eugenia de Guerin, 417  
CEP: 03929-260 – São Paulo/ SP  
E-mail: lulu\_ped@yahoo.com.br

---